

SENTIDO E ESTRUTURAS LEXICAIS DO PORTUGUÊS *

Segundo Lyons, "por analisar ou descrever o sentido de uma palavra deve entender-se a sua análise em termos das relações do sentido que contrai com outras palavras". (1) Não deixa de ser curioso que, deste ponto de vista, nada seja dito sobre a polissemia. Tradicionalmente encarada (a par da hononimia), como fonte de ambiguidade, o seu tratamento, actualizado em termos de ambiguidade lexical, manteve-a alheada de questões de estruturação lexical(2).

Na origem deste trabalho esteve, por outro lado, o achado de um exemplo que fazia prever a possibilidade de mostrar uma regularidade de elaboração do sentido, a propósito de uma unidade com meio (cf. página seguinte).

Mesmo que nada de conclusivo se possa dizer sobre a polissemia, considerou-se objectivo suficiente poder descrever o funcionamento polissémico de meio como um fenómeno sistemicamente organizado (o que, parecendo evidente, não tem sido demonstrado) susceptível de ser estudado a nível das possibilidades de estruturação lexical do português.

* Agradeço à Professora Luisa Opitz a teorização, em aulas e em conversas informais, que inspirou este trabalho, independentemente das lacunas que possa ter



Na ausência de quaisquer dados contextuais, um enunciado como

Neste meio está a virtude

parece aceitar, pelo menos, as seguintes paráfrases interpretativas:

[Neste centro está a virtude]

[Neste ambiente (/nestas circunstâncias) está a virtude]

[Neste processo está a virtude]

Em cada um dos casos, o termo que substitui a unidade polissémica é também susceptível de paráfrase:

[centro de um espaço / periferia / ...]

[ambiente de um facto / fenómeno / corpo / ...]

[processo de fazer / andar / ...]

O confronto do enunciado de que partimos com os dois conjuntos de paráfrases sugere que se tomem, como cotextos possíveis da unidade polissémica, os cotextos dos termos que a podem substituir. Teremos assim:

Meio de um / o / este espaço / periferia / ...

Meio de um / o / este facto / fenómeno / corpo / ...

Meio de fazer / andar / ...

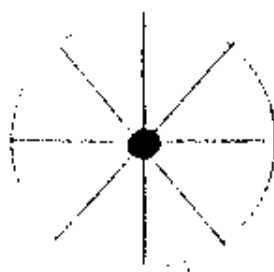
Na organização destas sequências, destaca-se a recorrência da preposição de, enquanto categoria regente do complemento.

O pouco relevo que parece dado à preposição de, no quadro da Gramática Generativa (3), explicará que seja uma orientação mais tradicional a melhor esclarecer aquela preposição. Com efeito, enquanto em Sintaxe e Semântica do Português se lhe

atribui um papel temático de posse / lugar (correspondendo as interpretações de posse ou lugar, respectivamente, ao valor [+ANIMADO] e [-ANIMADO] (4), a Gramática do Português Contemporâneo descreve o seu valor nos seguintes termos:

"Movimento = afastamento de um ponto, de um limite, procedência, origem. As noções de causa, posse, etc., daí derivadas, podem prevalecer em razão do contexto (.)" (5)

É este valor que se poderá reconhecer nas sequências em análise. Em cada um dos casos, a ocorrência da preposição de determina uma relação semântica que, susceptível de ser esquematizada como a seguir proponho (à esquerda), se presta a duas orientações de "leitura", também representadas (à direita):



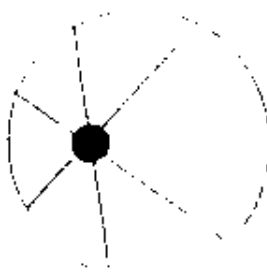
[meio que provem de um limite]

<

meio de um espaço

.....>

[meio que pertence a um limite]



[meio que se afasta de um ponto]

<

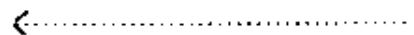
meio de um facto

.....>

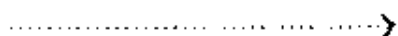
[meio que pertence a um ponto]



[meio que se afasta de um ponto em direcção a outro]

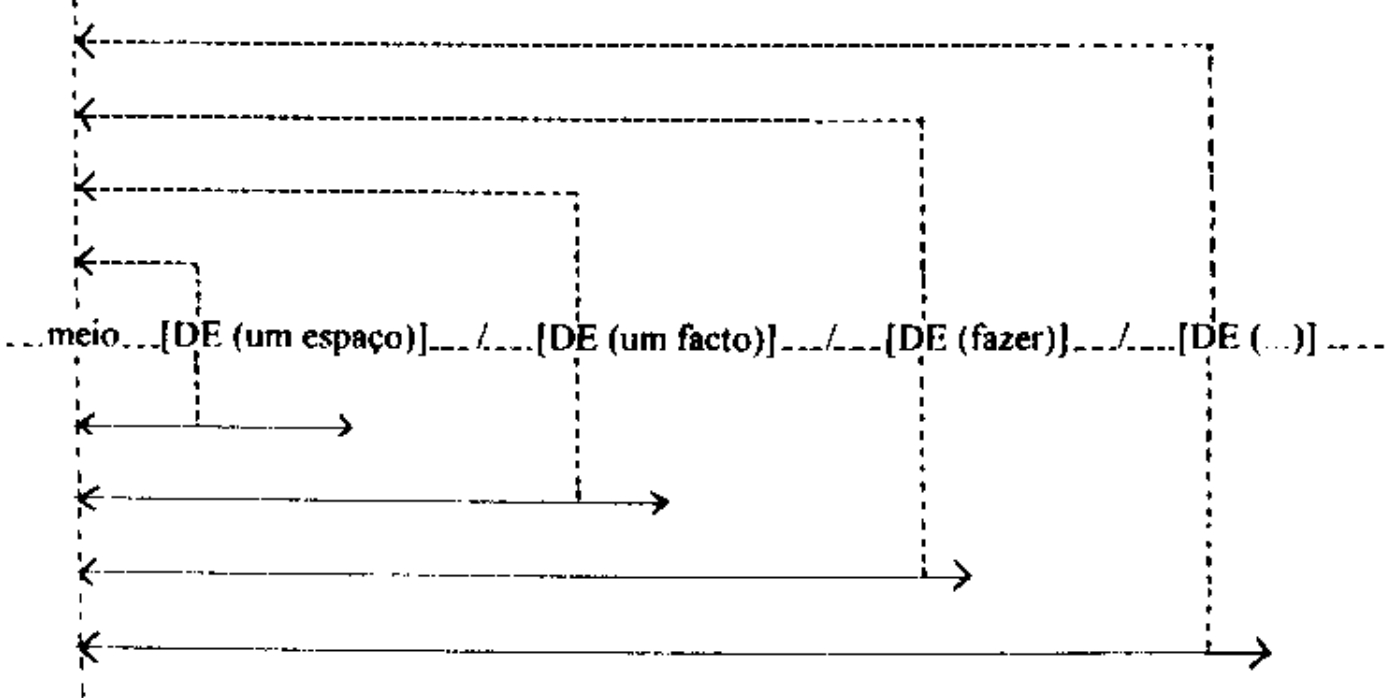


meio de fazer



[meio que pertence à passagem de um ponto para outro]

Parecerá natural que a questão do sentido - posta, nestes casos, a propósito do que se considera uma categoria sintagmática e não lexical - apareça como um fenómeno de relação sintagmática. O que pretendo mostrar, no entanto, é que as oposições de sentido a que pode prestar-se meio aparecem como projecção, sobre o eixo paradigmático, de relações sintagmáticas apagadas, processadas pela preposição de:



A este propósito, será agora oportuno reparar em expressões como meio de comunicação, meio de transporte e meio de realização. Podendo considerar-se lexicalizadas, dir-se-ão formadas por composição. Mais do que o processo morfológico, no entanto, interessa salientar que estas expressões:

- apresentam quer uma configuração estrutural idêntica à das sequências com que temos vindo a trabalhar ([SP, SN]) quer, em particular, a mesma preposição a reger o complemento;
- aceitam integralmente a descrição semântica anteriormente proposta (a propósito de sequências fabricadas), isto é, definem-se, do ponto de vista do sentido, por uma relação estabelecida a nível sintagmático e processada pela preposição de, esquematizável como **MEIO DE (...)** ou, em particular nestes casos, **MEIO DE (acto)** (relação essa que se poderá considerar preservada nas nominalizações deverbais em ocorrência).

Será no entanto o facto de aquelas expressões poderem aparecer, do ponto de vista do uso, "reduzidas" à unidade polissémica que se revela particularmente significativo.

Atestando a recuperação das expressões lexicalizadas como valores semânticos de meio, tais reduções mostram que a condição polissémica é indissociável:

- . por um lado, de uma redução sintagmática (ou apagamento) que, fixando a identidade lexical de meio, interessará ver como processo derivacional (6);
- . por outro, de uma constituição sintáctico - semântica organizada pela preposição de que, caracterizando a base (ou bases) derivante(s), determina a reinterpretação da unidade polissémica.

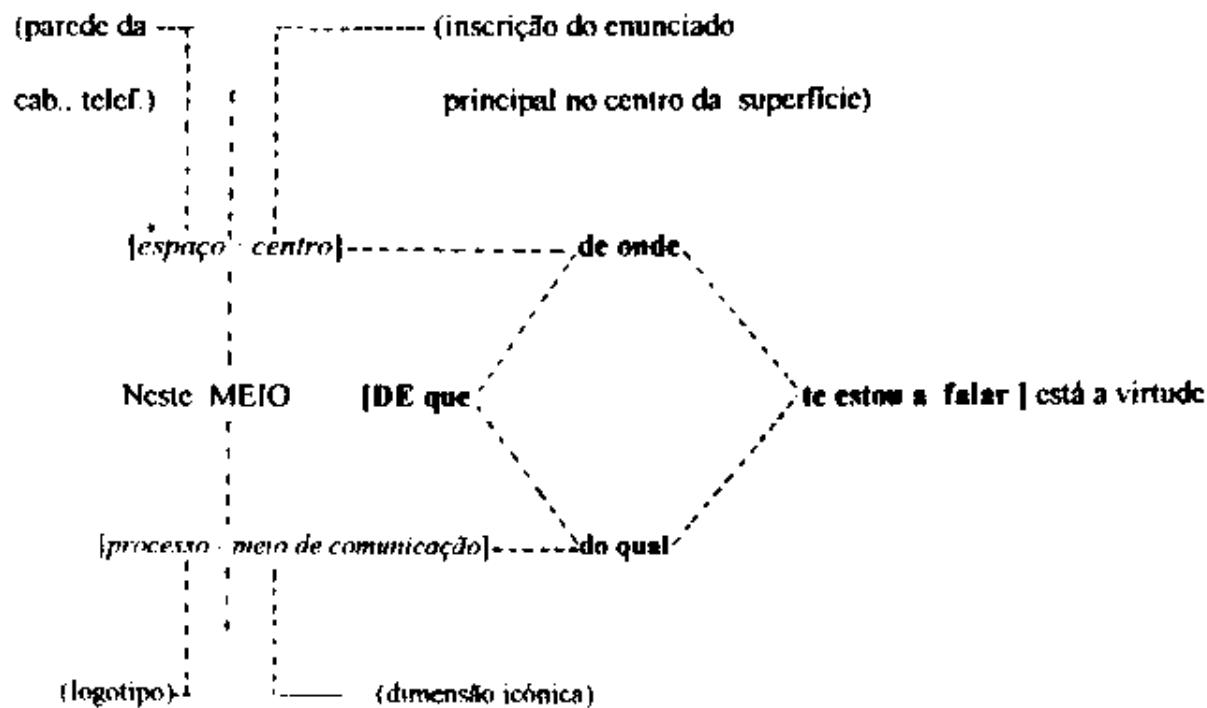
Representando esquematicamente a descrição proposta, teremos:

DERIVAÇÃO		REINTERPRETAÇÃO
meio DE ()	→	MEIO
		→ meio [DE (...)]

Se este esquema permite dar conta da regularidade constitutiva de alguns valores semânticos estabilizados, a fórmula final (**MEIO [DE (...)]**) faz prever o rendimento criativo

que pode também caber à unidade polissémica, na medida em que projecta um complemento configurado pela preposição de, ainda que em ocorrência vazia.

É o que poderá mostrar o exemplo anunciado no início, em que o rendimento de meio surge otimizado através de um complemento que, sendo vazio, "ocorre" em função da configuração icónico-verbal do que parece conveniente considerar, neste caso, como texto



A ser vista, talvez como uma das possibilidades de estruturação lexical do português, a polissemia de meio constitui certamente ocasião privilegiada quer para rever as virtudes da preposição de, quer para observar a implicação de níveis que, por esforço de análise, se podem ver dissociados.

NOTAS

(1) Cf Lyons 1977-1980: 168

(2) Por estruturação lexical tem vindo a entender-se basicamente, na sequência de LYONS 1977, a organização de partes do léxico segundo relações de sentido como antonimia (complementar, graduável, conversa), oposições (direccionais, ortogonais e antipodais), contrastes não-binários, hiponimia, relações parte-todo.

(3) Veja-se, por exemplo, o facto de se justificar a possibilidade de ocorrência ou omissão da preposição de antes de uma oração completiva "pelo facto de aquela preposição não ter informação semântica própria, nem uma função sintáctica importante" (CAMPOS e XAVIER 1991:209).

(4) Cf CAMPOS e XAVIER 1991: 210-11

(5) Cf CUNHA e CINTRA 1985: 563

(6) Deste ponto de vista, conviria relacionar o que chamámos redução sintagnática com a formação de compostos por reanálise: enquanto a regra $y \rightarrow sx$ actua em casos de composição, a identidade polissémica de meio parece obedecer a uma condição do tipo SN- N. (Sobre reanálise, cf. MATEUS, ANDRADE, VIANA, VILLALVA 1990: 481-2).

BIBLIOGRAFIA

CAMPOS, M.H.C., XAVIER, M.F. (1991) Sintaxe e semântica do Português. Lisboa, Universidade Aberta.

CUNHA, C., CINTRA, L.F.L. (1984) Nova Gramática do Português Contemporâneo. Lisboa, Edições João Sá da Costa.

LYONS, J. (1977-1980) Semantics 1, Cambridge, Cambridge University Press (trad. port. Semântica 1, Lisboa, Editorial Presença, 1980).

LYONS, J. (1977) Semantics 2, Cambridge, Cambridge University, Press.

MATEUS, M.H.M., ANDRADE, A., VIANA, M.C., VILLALVA, A. (1990) Fonética, Fonologia e Morfologia do Português, Lisboa, Universidade Aberta.